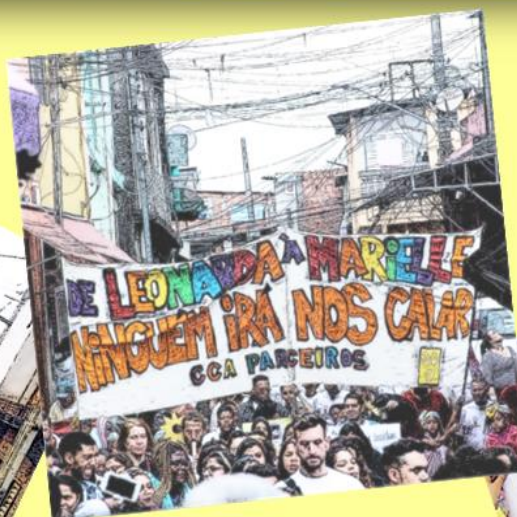


A RUA É NÓIS!

A FORMAÇÃO É MOBILIZADORA
A MOBILIZAÇÃO É FORMADORA



CADERNO 2
MOVIMENTO SOL DA PAZ

FICHA TÉCNICA

Título:

A rua é nós! A formação é mobilizadora, a mobilização é formadora.

Caderno 2 – Movimento Sol da Paz

Autora:

Laila Sala

Produção editorial, pesquisa e revisão técnica:

Marília De Santis, Laila Sala e Bruno Reikdal de Lima

Capa, projeto gráfico e diagramação:

Laila Sala

Curadoria:

Marília De Santis

Projeto de extensão Universidade Federal do ABC:

Produção e reprodução do conhecimento: fortalecendo as bases de um bairro educador.



A rua é nós! A formação é mobilizadora, a mobilização é formadora

Copyright © 2022 UNAS - União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sala, Laila

A rua é nós! [livro eletrônico] : a formação é mobilizadora, a mobilização é formadora : caderno 2 : Movimento Sol da Paz / Laila Sala ; curadoria Marília De Santis. -- São Paulo, SP : UNAS - União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região, 2022. -- (Cadernos de práticas educativas de Heliópolis ; 2)

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-997930-1-1

1. Educação 2. Movimento Sol da Paz - Heliópolis (Bairro, São Paulo, SP) 3. Prática pedagógica
I. Santis, Marília De. II. Título III. Série.

22-112526

CDD-370.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e sociedade 370.19

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ISBN: 978-65-997930-1-1



SUMÁRIO

A CABEÇA PENSA ONDE OS PÉS PISAM ————— Pg. 4

A CIDADE DO SOL ————— Pg. 6

A FORÇA DA FAVELA ————— Pg. 7

CARTA DE APRESENTAÇÃO - MOVIMENTO SOL DA PAZ ————— Pg. 8

AS PRIMEIRAS CAMINHADAS ————— Pg. 9

FAZENDO OUVIR A NOSSA VOZ ————— Pg. 11

AQUI TEM ARTE! E... ————— Pg. 12

...MUITA LUTA! ————— Pg. 13

MAIS CAMINHADAS... ————— Pg. 15

PANDEMIA ————— Pg. 17

A árvore que não dá frutos
É xingada de estéril.
Quem examinou o solo?
O galho que quebra
É xingado de podre, mas
Não haveria neve sobre ele?
Do rio que tudo arrasta
Se diz que é violento,
ninguém diz violentas
As margens que o cerceiam
Bertolt Brecht

Poderíamos dizer que há um consenso entre as pessoas de que a paz é ausência de violência. Por outro lado, circula pelo senso comum diferentes ideias relacionadas a essas palavras que por vezes até se contradizem.

A história do Brasil mostra que a violência é marca fundamental da formação do nosso país. No período Colonial, o Estado se valia da violência para escravizar pessoas negras e indígenas. Muito tempo depois, já no século XX, durante as ditaduras do Estado Novo e do Regime Civil-Militar, a violência era usada como mecanismo de repressão política - mecanismo esse que nunca foi completamente desmontado, mesmo após a redemocratização do Brasil.

Nesse sentido, em nosso país a violência é um fenômeno complexo e tem um papel importante nas formas de sociabilidade, o que gera reflexos culturais que, aliados a uma alta concentração de renda, faz do Brasil um dos países mais violentos do mundo e, pior, com grande tolerância a números muito altos de assassinatos (a maioria não resolvidos).



Ainda que no Brasil a violência de Estado e a violência social tenham um impacto muito grande na vida da maioria dos brasileiros, há uma ideia de que a violência é fruto de ações individuais, isto é, uma pessoa age de forma violenta porque tem alguma inclinação intrínseca em seu ser

para isso.

Quantas vezes não nos referimos a um jovem como “agressivo”, “bagunceiro”, “mal-educado” etc. sem nos darmos conta de que estamos reproduzindo uma ideia que foi inculcada em nós para que as estruturas de opressão sejam mantidas? Quer dizer, ao culpabilizarmos o jovem, de forma inconsciente, podemos estar reproduzindo relações de poder e obediência. O que, em última instância, faz cessar o diálogo - fundamental não só para a construção da paz, mas para a construção de um mundo onde todos e todas possam viver bem, para a criação de um bem comum.



Em uma primeira impressão, talvez para o senso comum, paz signifique a ausência de conflito ou um estado de total harmonia. E, continuando nesse caminho, a paz pode ter a ver com a ideia de que os indivíduos não devem “criar problemas”, ou seja, devem aceitar tudo como está. Assim, há nessa ideia de paz um sentido de obediência à ordem dada. Isso porque os conflitos, aqui chamados de “problemas”, não são resolvidos, mas silenciados, “jogados para debaixo do tapete”.

As reflexões sobre o que é paz também são importantes porque nós não temos uma experiência coletiva de paz, pensando na sociedade como um todo. Nesse sentido precisamos criá-la para que essa experiência seja efetiva. E isso só pode acontecer com a participação de todos e todas, inclusive das crianças.

Em um contexto como esse, é imprescindível que se deixe claro quais as concepções de paz que estão adjacentes ao nosso movimento. Trata-se de justiça social, afinal: a paz é de todos ou não é de ninguém!

Por isso para nós é tão importante ocupar as ruas e vielas de Heliópolis, pois promover a participação é experimentar um sistema complexo de interações que se configura em torno da iniciativa, das responsabilidades compartilhadas e, principalmente, do compromisso que grupos de pessoas (crianças e adultos) podem assumir durante a condução do processo decisório de realização das ações de um determinado projeto - no nosso caso de transformar Heliópolis em um Bairro Educador.



Assim sendo, há que se empreender ações de participação de diferentes naturezas e mobilizar recursos diversos que, de fato, impliquem mudanças qualitativas significativas do *status quo*. Uma delas é o estímulo e a abertura concreta de possibilidades de participação ativa por parte das crianças nos processos decisórios, afinal “A cabeça pensa, onde os pés pisam”.

A CIDADE DO SOL

Heliópolis vem do grego e significa Cidade do Sol. Esse lugar vem sendo construído a muitas mãos, literal e metaforicamente. Principalmente desde os anos 1960. E essas mãos mostram a força que tem esse lugar...



João Miranda: “Aqui tem história de mutirão. Aqui o mutirão não era em laje como a gente fez depois, de encher um a laje do outro, que aí já tava num segundo processo. O primeiro processo era de bater mesmo prego no madeirite de noite, de madrugada, sabe? Pra fazer os barraquinhos pra quando chegasse a polícia de manhã, as famílias já tá com os filhos dentro do barraco (...). Eu adoro isso aqui, eu gosto muito do Heliópolis, porque aqui me deu o que eu tenho hoje, do ponto de vista do aprendizado, né? De acreditar no coletivo, de entender que não é eu sozinho que tava aqui.”

A palavra Mutirão tem origem em um termo Tupi-Guarani que significa “reunião para a colheita ou construção” ou “trabalho comum”. Ainda que a palavra tenha origem nos povos indígenas da América, alguns estudiosos identificam o trabalho coletivo e solidário como prática de diversas culturas, podendo ser considerado como uma forma de trabalho essencialmente humana. O mutirão é uma forma de trabalho em que os próprios trabalhadores são os beneficiários daquilo que produzem. Dessa forma, o mutirão não reproduz as relações de exploração e alienação próprias do capitalismo (baseado, dentre outras coisas, na propriedade privada), mas de uma produção coletiva e democrática.



A FORÇA DA FAVELA

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) passou a utilizar em 2010 o termo “aglomerado subnormal” para designar as áreas conhecidas popularmente como favelas. Esses locais são caracterizados como um conjunto de no mínimo 51 casas que ocupam ou já ocuparam terreno de propriedade alheia (pública ou particular).

Conta-se que as favelas tiveram origem no Rio de Janeiro em meados do século XIX. Ex-combatentes da Guerra de Canudos ocuparam o então chamado Morro da Providência para forçar o Ministério da Guerra a pagar os seus salários atrasados. Assim como em Canudos, nesse morro havia muitas plantas chamadas “favella”, o que fez com que o Morro da Providência passasse a ser conhecido como Morro da Favella, termo que mais tarde foi generalizado para qualquer ocupação de um terreno feita por pessoas pobres.

Até então, as pessoas mais pobres da cidade do Rio de Janeiro se instalavam nos chamados cortiços que ficavam no centro. Nessa época, o Rio, capital da República, passava por um processo de urbanização que tinha como objetivos o “embelezamento” e a “higienização” da cidade. Assim, foi levada a cabo uma verdadeira guerra contra os inumeráveis cortiços, que foram demolidos e extintos para a abertura de ruas e avenidas, mas não foram substituídos por nenhuma outra habitação, forçando os setores mais pobres da população a se mudarem para as periferias.

Tanto os cortiços, como mais tarde as favelas, foram representados ao longo do século XX por descrições e imagens que permitiram o desenvolvimento de um senso comum que opõe a favela à cidade. A ocupação do Morro da Providência pelos soldados vindos de Canudos, no entanto, remete à resistência e à luta dos oprimidos contra um adversário forte e dominador - o que sempre é temido pelos poderosos.

João Miranda: *“A gente quer fazer parte da cidade de São Paulo, como todo mundo...”*



CARTA DE APRESENTAÇÃO

MOVIMENTO SOL DA PAZ

Em 1999 a estudante Leonarda Soares Alves, da EMEF Pres. Campos Salles, foi assassinada depois de sair da escola. Indignados com o ocorrido, o diretor Braz Nogueira, o Prof. Orlando Jeronimo e o então presidente da UNAS (União de Núcleos dos Moradores de Heliópolis e região) João Miranda, propuseram a organização de uma caminhada pela paz nas ruas de Heliópolis. Assim, aconteceu a primeira caminhada, que se tornou um dos eventos mais importantes para a comunidade.

Ao longo dos anos, a Caminhada Pela Paz (que iniciou com pouco mais de duas mil pessoas e desde então só vem aumentando, chegando a quase quinze mil pessoas) provocou significativas transformações em Heliópolis, como a diminuição da violência e a ocupação da rua como espaço público de convivência e reivindicação de direitos.

Em seus primeiros anos, a comunidade logo percebeu que era necessário articular-se em um grupo mais permanente, que fosse além da organização da caminhada anual. Nasceu assim o Movimento Sol da Paz de Heliópolis e a ideia de Bairro Educador, no qual todos e todas podem educar e ser educades, através da solidariedade, da consciência coletiva e da percepção de que o Estado não é formado apenas por um conjunto de parlamentares que definem o destino e as prioridades de uma nação, mas por todos os cidadãos e cidadãs que fazem parte dela.

Acreditamos que a Educação é fundamental para a solução dos problemas do povo, por isso temos como objetivos:

- Integrar escolas e equipamentos educativos do território, fortalecê-los para que se tornem centros de liderança e articulá-los para a inclusão de graça seus currículos, de modo a desenvolver atividades cotidianas que estimulem o respeito ao ser humano, independente de sua cor, religião ou sexualidade;
- Reivindicar a participação da comunidade na busca de soluções coletivas e na construção de políticas públicas para a garantia da democracia e dos direitos humanos;
- Compreender que a violência é um problema social causado pela exclusão, pelo desrespeito aos direitos humanos básicos e pela lógica do lucro, e por isso não pode ser resolvida com punições, mas com a transformação dessa sociedade injusta e perversa em uma outra sociedade, sem desigualdades e sem relações de opressão;
- Encorajar as pessoas a agir coletivamente em busca da garantia dos direitos humanos;
- Contribuir para transformar Heliópolis em um Bairro Educador, onde todes se sintam estimulades a ensinar e a aprender, com base em seus cinco princípios: tudo passa pela educação, a escola como um centro de liderança, solidariedade, responsabilidade e autonomia.

A PAZ É DE TODES OU NÃO É DE NINGUÉM!

AS PRIMEIRAS CAMINHADAS

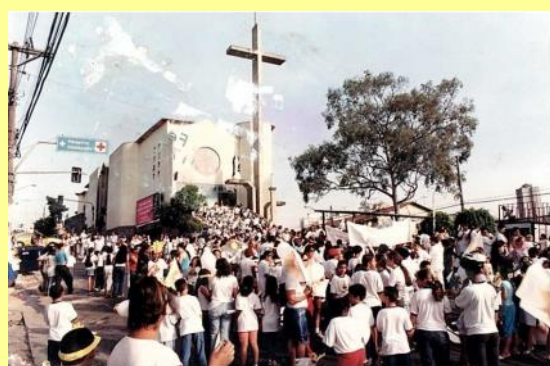
Braz Nogueira: “Eu cheguei em Heliópolis em 21 de novembro de 1995. Eu fui salvo por duas ideias, que fazem parte, hoje, da vida de muita gente em Heliópolis: a primeira ideia é que **tudo passa pela educação**. A educação deve ser tarefa de toda a sociedade. E a outra ideia é que a escola tem que ser **um centro de liderança na comunidade onde ela está inserida...** Um centro de liderança atuando articuladamente com as lideranças da comuni-

dade, já constitu-



Braz Nogueira: “Nós tínhamos uma aluna chamada Leonarda, faltavam três meses para ela completar 16 anos de idade... Então, numa noite, ela saiu daqui às 23h e quando foi 23h45 ela recebeu 5 tiros na cabeça... E a Leonarda era uma menina alegre, sociável, bonita... E eu e o Professor Orlando fomos vê-la no velório, lá no Hospital Heliópolis, eu fiquei de um lado do caixão e o Professor Orlando do outro lado... Quando eu olhei e vi a fisionomia da Leonarda, não tinha nada a ver com a menina alegre, sociável... Quando eu olhei aquilo, eu senti que o chão saiu dos meus pés... Naquele dia eu senti, porque a morte da Leonarda me deixou indignado, revoltado. Eu fiquei revoltado porque eu pensava assim: ‘um rapaz e uma moça se apaixonam, têm uma filha, cuidam dela por 15 anos e 9 meses, e aí de repente ela vem pra escola e no caminho da escola pra casa recebe 5 tiros na cabeça... E nós saímos do velório, eu e o Professor Orlando, e eu olhei pro Orlando e disse: ‘Você ajuda a organizar uma Caminhada Pela Paz?’ E ele falou: ‘Ajudo!’... Ele nem pensou...

Quando eu olhei e vi a fisionomia da Leonarda, não tinha nada a ver com a menina alegre, sociável... Quando eu olhei aquilo, eu senti que o chão saiu dos meus pés... Naquele dia eu senti, porque a morte da Leonarda me deixou indignado, revoltado. Eu fiquei revoltado porque eu pensava assim: ‘um rapaz e uma moça se apaixonam, têm uma filha, cuidam dela por 15 anos e 9 meses, e aí de repente ela vem pra escola e no caminho da escola pra casa recebe 5 tiros na cabeça... E nós saímos do velório, eu e o Professor Orlando, e eu olhei pro Orlando e disse: ‘Você ajuda a organizar uma Caminhada Pela Paz?’ E ele falou: ‘Ajudo!’... Ele nem pensou...



Braz Nogueira: *Eu e o Orlando saímos do velório, ele me deu uma carona, eu parei na Rua da Mina... O João Miranda era o presidente da UNAS, eu falei: 'Gente, a conversa é a seguinte: a Leonarda foi assassinada, não tem mais volta, mas nós podemos nos transformar em leões, e mostrar pra essa comunidade que nós não aceitamos essa banalização da vida'... E aí, eu olhei pro João e falei: 'Vocês ajudam a organizar uma Caminhada Pela Paz pelas ruas e vielas de Heliópolis?'... Aí o João falou o que eu mais precisava ouvir naquele dia: 'ô Braz, meu irmão, meu amigo, você não precisa fazer uma pergunta dessa pra nós, porque se o Campos Salles está, nós já estamos, porque pra nós não existe a escola lá e nós aqui, nós somos a mesma coisa'... Então, naquele dia eu tive a certeza absoluta de que as duas ideias já tinham se tornado realidade”*

Braz Nogueira: *“Às vezes as coisas mais bonitas ocorrem em meio às desgraças, eu vi que não tinha sido nada em vão, tudo o que tinha sido feito, tinha sido construído, realmente, muita coisa. A partir desse dia, do velório da Leonarda, nós já começamos a pensar como faríamos para mobilizar. Então, na primeira Caminhada participaram 5 mil pessoas, depois de 2 meses e meio de trabalho. E conseguimos fechar Campos Salles, Gonzaguinha e Manoela Lacerda. Essas escolas, eu carrego no coração, porque se não fosse a participação dessas três escolas essa caminhada não teria ocorrido...”*

Essa caminhada, pra comunidade de Heliópolis, foi fundamental, porque quebrou aquele medo imaginário que paralisava.

Tem muita coisa bonita aqui em Heliópolis... Nós estamos no início, hoje o sonho de muitas pessoas é transformar isso numa escola, e Heliópolis ser uma escola é as pessoas poderem aprender em qualquer lugar, com todo mundo...



FAZENDO OUVIR A NOSSA VOZ

Há notícias de que desde a 1ª Caminhada Pela Paz o Movimento escreveu manifestos. Só conseguimos encontrar, até agora, do 5º Manifesto em diante. Sua leitura permite acompanhar a evolução das pautas das Caminhadas e o desenvolvimento das discussões. Na maior parte deles, é possível encontrar referências a acontecimentos marcantes do ano em que eles foram escritos.

Alguns manifestos foram transformados em música pelos MCs de Heliópolis, mas o seu principal autor, que catalisa nos textos as discussões feitas no movimento é o Orlando Rodrigues, fundador da Caminhada e do Movimento Sol da Paz.

Em 2014, no entanto, o Movimento inovou: com o intuito de ampliar a participação dos moradores e moradoras em todas as etapas de preparação da Caminhada, foi realizado o I Concurso de Manifestos da Caminhada Pela Paz. Desde então, o Movimento vem alternando textos escritos por estudantes de Heliópolis e pelo Prof. Orlando.

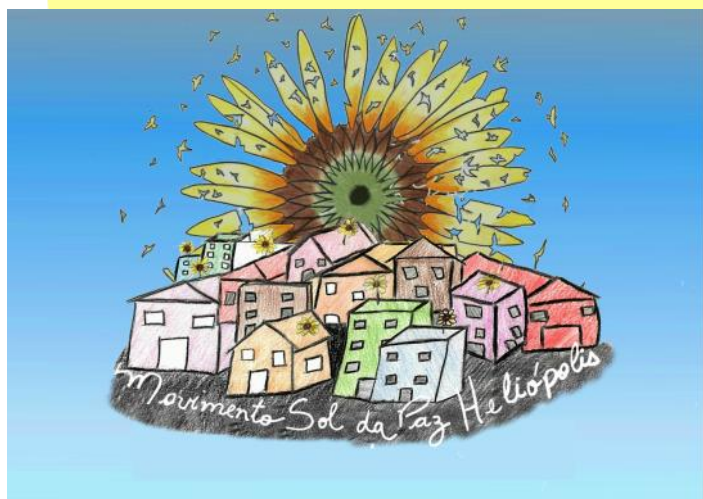


Clique no QR Code para acessar os manifestos do nosso arquivo!



Logotipo

Em 2016, o Movimento Sol da Paz realizou um Concurso para definir seu Logotipo. A participação da comunidade foi um sucesso e resultou não só no logotipo, como também em uma linda exposição dos concorrentes durante o Festival da Paz. A arte final do Logotipo foi uma junção dos trabalhos artísticos de diversos estudantes que participaram do concurso, que trabalharam com os principais símbolos do Movimento Sol da Paz: a comunidade e o girassol.



AQUI TEM ARTE! E...

Festival da Paz

O Festival da Paz reúne os equipamentos educativos e os artistas da região em uma celebração artística da cultura de paz, durante os dias que antecedem a Caminhada. Não se sabe ao certo quando ele começou, mas há muitos anos ele vem reunindo estudantes da comunidade de diferentes equipamentos socioeducativos para mostrar uns aos outros a sua produção, celebrando a cultura de paz.



O Girassol X A pomba branca

Normalmente, as pessoas associam a pomba branca como símbolo da paz. Mas você sabe de onde vem essa associação? A pomba branca como símbolo da paz vem da Bíblia, mais especificamente do Antigo Testamento, nos tempos de Noé que, depois do dilúvio, solta uma pomba para que ela encontrasse terra. Ela volta, então, com um ramo de oliveira no bico e, assim, Noé constata que a guerra de Deus contra os homens havia terminado.

Em Heliópolis, no entanto, o símbolo da paz é o Girassol, não só porque ele faz referência à Cidade do Sol, mas principalmente porque o Girassol se volta para o Sol, buscando a sua luz para assim viver melhor.



Cultura e Território

O território é aquele pedaço de chão que abriga os recursos por meio dos quais as pessoas criam e vivem em sociedade. Por isso, o território também tem uma dimensão simbólica, pois as pessoas ao inventarem a vida também inventam cultura, ou seja, seus modos de viver. Como diz Milton Santos “o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2002, p. 10).

No território, a cultura ganha uma dimensão compartilhada, dando visibilidade às diversas práticas sociais e de cidadania. Isso se traduz naquele sentimento de pertencimento, de que temos um chão comum de reconhecimento: somos todos daquele lugar. O território também é força de afirmação. Heliópolis é um pedaço de chão feito de encontros de pessoas, de vidas construídas em conjunto e não só de casas consideradas, de modo preconceituoso, “aglomerados subnormais”.



... MUITA LUTA!

Caminhada Noturna

A Caminhada Noturna é realizada para que os estudantes do período noturno, das salas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Movimento de Alfabetização (MOVA), que normalmente trabalham de tarde, horário em que se realiza a Caminhada Pela Paz, possam também se manifestar e reivindicar as suas pautas.



Caminhadinha Pela Paz

A partir de uma prática comum dos Centros de Educação Infantil (CEIs) administrados pela UNAS: sair com as crianças de dentro dos Centros e ocupar as ruas com diferentes atividades, surgiu a Caminhadinha ou Mini Caminhada Pela Paz. Atualmente, ela reúne bebês e crianças para se manifestar e divulgar a Caminhada Pela Paz em vários pontos diferentes da comunidade.

Quem foi Arlete Persoli?

Arlete Persoli foi uma incansável lutadora pelo direito à educação, sobretudo na comunidade de Heliópolis, onde trabalhou por diversos anos. Arlete participou de todas as edições da Caminhada Pela Paz, até a 15ª realizada em 2013.

Em 2009, foi indicada pela UNAS para o cargo de gestora do CCECH, posteriormente CEU Heliópolis, onde se tornou uma das principais vozes do movimento que busca transformar Heliópolis em um Bairro Educador. Arlete foi fundamental na aglutinação da força dos movimentos sociais organizados que garantiram a ampliação dos equipamentos públicos que transformaram Heliópolis em um dos mais completos centros de educação da cidade de São Paulo.

Faleceu em 2014, depois de lutar contra um câncer por um ano. Sua prática e seus ideais lhe renderam grande admiração de educadores e da comunidade e, em sua homenagem, o CEU Heliópolis foi batizado com o seu nome.



O que é o “Prêmio Arlete Persoli - Cultura de Paz”?

O Prêmio Arlete Persoli - Cultura de Paz é um prêmio anual criado pelo Movimento Sol da Paz com o objetivo de valorizar ações que favoreceram o florescimento da paz no Bairro Educador durante o ano anterior, escolhendo e premiando uma pessoa que tenha realizado uma ação pela fraternidade entre os moradores.

O Calendário Temático Integrado estrutura algumas ações pactuadas por diversos atores do Bairro Educador. Cada vez mais ele vem nos permitindo ter contato com alguns temas, expressões culturais e movimentos sociais pertinentes.

Os calendários são uma das formas que a humanidade criou para se estruturar no espaço e no tempo, e algumas vezes ele tem o poder de reunir um grupo de pessoas em torno dos mesmos objetivos.

No Bairro Educador, essa estruturação vem se articulando a partir da vontade de incluir nas instituições tradicionais as vozes que normalmente não são escutadas pela sociedade, na tentativa de promover uma transformação curricular e dar visibilidade às demandas dos grupos historicamente marginalizados.

De uma forma geral, principalmente nas escolas, os calendários são organizados a partir de uma visão de mundo ocidentalizada, branca e patriarcal, às vezes até privilegiando uma ou outra data religiosa (normalmente católica). Isto não favorece que os estudantes relacionem (identifiquem, contraponham, critiquem etc.) as práticas sociais, culturais e artísticas do seu território com os conteúdos tradicionais e a sua própria experiência de vida. Buscamos, por isso, nos basear em uma memória e uma experiência presente que visibilizem as narrativas dos/as oprimidos/as.

Assim, o Calendário Temático Integrado se estrutura a partir das pautas dos movimentos sociais, uma vez que eles têm o potencial de realizar, ao mesmo tempo, a denúncia das injustiças e o anúncio de sua superação. Essas pautas viram temas que, por sua vez, se tornam práticas pensadas por educadores/as e ativistas em conjunto - papéis esses que passam a se misturar. Por isso, as ações do calendário são educadoras para todas as pessoas que o partilham e, por isso mesmo, constroem-no. Ele reflete a articulação e mobilização da comunidade, tornando a formação mobilizadora e a mobilização formadora.

MAIS CAMINHADAS...

Braz Nogueira: *“Se eu falar que eu não senti medo, talvez eu não esteja sendo fiel ao meu sentimento. Eu tive várias preocupações em determinados momentos da história de Heliópolis, mas toda vez que esse sentimento se apossava de mim, eu tentava sair daqui de dentro (da escola), ia conversar com as pessoas, ia interagir. Então, quando isso ia se construindo, que eu saía e ia conversar com as pessoas, eu voltava pra escola tranquilo, e totalmente reconfortado. E uma das minhas grandes aprendizagens aqui em Heliópolis foi que o medo é mais perigoso que a coragem, aliás, o medo que vai aumentando e que às vezes paralisa, ele é mais perigoso do que a coragem, eu não tenho nenhuma dúvida disso. Eu sou educador, e o educador que tem medo, ele deixa de ser educador. Porque não há educação se tem uma relação de medo.”*



Braz Nogueira: *Agora, pra mim objetivo é a melhoria da qualidade de vida, e a gente tem que estar juntos pra poder reivindicar ao poder público esse atendimento aos direitos das pessoas. Hoje, uma das grandes contribuições da Campos Salles pra essa comunidade é a luta pela paz...*



Braz Nogueira: No ano de 1999, foi o último toque de recolher em Heliópolis, que atingiu Heliópolis inteiro. A única escola da região que não fechava à noite era a Campos Salles. Aí, numa quarta-feira, alguns alunos queriam ir embora mais cedo, e começou um tumulto, aquela pressão. Era o que a mídia toda estava querendo, estavam só esperando fechar aqui à noite, pra no outro dia estampar nos jornais que ‘a última escola de Heliópolis se submeteu ao poder do tráfico...’ E eu percebendo o que



ia acontecer,

eu pedi rapidamente para todos os alunos descerem para o pátio... Eu falei por cinquenta minutos, eu falei tudo, não pensei em nenhuma consequência, e terminei dizendo: ‘portanto, em respeito ao projeto da escola, em respeito à nossa história, vocês vão subir e a aula aqui vai ser normal, porque quem manda aqui somos nós, eu e vocês, não são os traficantes, não. Podem subir!’...

Subiram, normal, e eu entrei na sala, sentei-me, e sabe quando você sente um oco, um vazio, que parece que tudo acaba? E eu

pensava: ‘gente, com que cara eu venho pra cá amanhã, acabou tudo...’ Neste momento chegaram seis alunos na minha sala, cumprimentaram e falaram: ‘Braz, quando você começou a falar, paramos a nossa reunião’ – porque esses alunos eram do grêmio - ‘e fomos lá, te ouvir... A gente veio aqui dizer pra você que você

pode ir embora, sereno e tranquilo, porque o projeto da nossa escola não vai morrer, porque nós não vamos deixar...’ Quando o José Orlei falou isso, a vida voltou plena... Então naquele dia eu aprendi uma das coisas mais significativas da minha vida: ninguém é líder em todo momento, a liderança é situacional...

O líder é aquele que mantém a esperança do grupo... E naquele dia o líder do Campos Salles, o meu líder, foi um aluno de 13 anos de idade, José Orlei.



Em 2020 tudo virou de cabeça para baixo. Não que as coisas estivessem muito bem antes disso, mas é que nesse ano um vírus chamado Corona colocou o mundo inteiro em estado de pandemia. E para nos protegermos, tivemos que praticar o isolamento social, tivemos que ficar em casa por quase dois anos. Pelo menos para as pessoas que puderam, né? Por que muitas/os das/os nossas/os tiveram que sair de casa, mesmo com o perigo de se contaminar pelo vírus, para lutar pela sobrevivência. O que acontece é que as desigualdades sociais que já eram gritantes, se aprofundaram com a pandemia. Além disso, a instalação de uma política autoritária no Brasil e em outros lugares do mundo encontrou ainda mais espaço para se aprofundar.

Quem pôde ficar em casa nesses tempos, olhou pela janela e o que encontrou foi desalento: negros e negras sufocados, ou espancados, até a morte, pulando da janela para fugir de senzalas contemporâneas, florestas e animais queimados vivos, crianças sendo tiradas de suas mães por causa da religião, o funcionalismo público sendo atacado, os índices de feminicídio e violência contra mulheres e crianças aumentando, direitos conquistados pelas/os trabalhadoras/es tratados como privilégios, empresas estatais vendidas a preço de banana, golpes políticos dados em equipamentos públicos locais, um presidente ameaçando cotidianamente o estado democrático de direito, pessoas voltando a passar fome, conhecimentos científicos negligenciados, corrupção na compra de vacinas - aquelas capazes de salvar a maioria das vidas de mais de 650 mil pessoas. Isso mesmo que você leu: 650 MIL VIDAS encerradas por um governo negacionista e corrupto, pelo menos até agora, porque mesmo com a vacina, ainda há os que continuam morrendo...

Ai... O que podemos nós diante desse quadro desesperador? Depois de tantas décadas de transformação de Heliópolis em um Bairro Educador, como manter viva a chama da luta?

Respiremos. É preciso lembrar: aprendemos com a nossa trajetória que a história das violências sofridas é também a história das resistências, que as conquistas do Bairro Educador são resultado de nossa união. E essa história de conquistas se sustenta a partir de princípios, que nos fazem humanos e nos lembram da humanidade nos outros. E nos lembramos que somos fortes e que vamos superar. Com Paulo Freire, aprendemos que isso se chama esperar: persistir na denúncia das injustiças e, de dentro delas, anunciar que a construção de um novo tempo é possível.

Por isso, durante esses anos pandêmicos, a Caminhada Pela Paz não aconteceu da forma como sempre fizemos. Mas aconteceu, como resistência. De forma virtual, mas não menos calorosa como sempre fizemos nas ruas. Em 2022 estamos prontos e prontas, já com a vacina no braço, para sair às ruas novamente, ocupando nossos espaços de direito, a rua é nós!



BIBLIOGRAFIA

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Nos caminhos da história urbana, a presença das figueiras-bravas.** Disponível em: [SciELO - Brasil - Nos caminhos da história urbana, a presença das figueiras-bravasNos caminhos da história urbana, a presença das figueiras-bravas](#), CONSULTADO EM 26 DE MARÇO DE 2022.

Corpo morada [livro eletrônico] : espaços populares como potências e referências para as cidades. -- Rio de Janeiro, RJ : Observatório de Favelas, 2021. Disponível em: https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Corpo_Morada.pdf, consultado em 26 de março de 2022.

Dicionário de Favelas Marielle Franco contributors, "Favelas e Comunidade Política – Até os anos 1960," Dicionário de Favelas Marielle Franco,

https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Favelas_e_Comunidade_Pol%C3%ADtica_%E2%80%93_At%C3%A9_os_anos_1960&oldid=7097 , consultado em 26 de março de 2022.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela** – do mito de origem a favela.com.

SANTIS, Marília de. **De favela a bairro educador: protagonismo comunitário em Heliópolis.** São Paulo. 2014. Disponível em: [https:// bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/779](https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/779), consultado em 19/09/2021

Território Inventivo / organizadores: Aruan Braga e Lino Teixeira. – Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2020. 119 p. ; PDF ; 23 MB. Disponível em: https://of.org.br/wp-content/uploads/2020/05/E-book_Territorio_Inventivo.pdf, consultado em 26/03/2022.

<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/manifesto.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Figueira_das_L%C3%A1grimas, CONSULTADO EM 26 DE MARÇO DE 2022

https://pt.wikipedia.org/wiki/Favelas_no_Brasil

<https://museuheliopolis.unas.org.br/>